

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

O PIBID E A DIVERSIDADE DE CRENÇAS, RAÇAS E ETNIAS NA ESCOLA, UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Bruno Novaes¹
Vanda Maria Silva Kramer²

Resumo: A escola pública como uma instituição de ensino recebe uma grande quantidade de público com diferentes realidades e com diferentes valores, considerando essa realidade é necessário promover uma igualdade de valores dentro da sala de aula. Então o PIBID pode ser uma arma da igualdade e os bolsistas acadêmicos do projeto, podem fugir da mesmice da maioria das aulas de geografia na escola pública e promover uma discussão para garantir a igualdade. Esta discussão deve ser contínua e muito bem embasada. É preciso trabalhar com continuamente, instrumentalizado com múltiplas ferramentas e esgotar todas as vias que abordem os temas ligados a diversidade de crenças, a igualdade lutar e por fim a qualquer tipo de violência por crença, raça, opção, etc. Diante desses fatos o objetivo deste trabalho e promover uma discussão que venha tornas as diferenças comuns a nossos olhos.

Palavras-chave: Tempos Pós Modernos. Bulling. Diversidade. Educação.

A antiguidade clássica e o método de ensino antigo.

Começamos este texto lembrando, por exemplo, que até o início do século XX uma das justificativas para a não extensão às mulheres do direito ao voto baseava-se na idéia de que elas possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que o dos homens.

Este imperativo de encontrar no corpo as razões de tais diferenças, ou seja, de especializá-las ou naturalizá-las, explica-se pela preponderância formal dos princípios políticos do Iluminismo, muito especialmente do princípio da igualdade. Depois da Revolução Francesa, nas democracias liberais modernas, apenas desigualdades naturais, inscritas nos corpos, podiam justificar o não acesso pleno à cidadania (BRASIL, 2008)

Além de relações históricas, há em situações bem cotidianas uma espécie de sinergia entre atitudes e discursos racistas, sexistas e homofóbicos. Um exemplo talvez banal: se um adolescente ou aluno manifesta qualquer sinal de homossexualidade, logo aparece alguém chamando-o de “mulherzinha” ou “mariquinha”. O que poucos se perguntam é por que ser chamado de mulher pode ser ofensivo? Em que sentido ser feminino é mau?

Aqui pode ser visto o modo como a misoginia e a homofobia se misturam e se reforçam. A discriminação em relação às mulheres ou ao feminino articula-se à discriminação dos sexualmente diferentes, daqueles que são sexualmente atraídos por pessoas do mesmo sexo.

¹ Acadêmico do Curso de Geografia da UNESPAR/PARANAVAÍ E BOLSISTA DO PROGRAMA PIBID/CAPES.- 12brunoonho@gmail.com

² Professora coordenadora do Programa de Bolsas do PIBID/CAPES –Subprograma de Geografia da UNESPAR/PARANAVAÍ- vdkramer@onda.com.br

Na antiguidade, o método que as escolas trabalhavam pouco contribuía para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, aquela cena clássica do professor na frente da sala e os alunos ouvindo o que ele diz, já não é aceitável em nosso tempo, pois vivenciamos um período de profundas transformações na atualidade (PESSOA, 2009).

E assim sendo, como a geografia é uma ciência que estuda o meio e o homem, esta também deve evoluir apresentando novos métodos de ensino e utilizando uma abordagem de inclusão de raças, religiões etc. Muito se discute sobre como fazer, sobre a vergonha de apresentar essa verdade ao mundo, mas no mundo atual a vergonha de certas coisas só vão nos trazer atraso, tendo em vista que é preciso ter coragem para tentar mudar certas realidades sociais (PESSOA op.cit).

Ainda é preciso que o professor tenha uma boa formação voltada para esses temas para que tenha capacidade de agir em sala. É nesse ponto que entra o PIBID, pois ele dá oportunidades para os acadêmicos conhecerem a realidade das escolas públicas e com isso construirão táticas de ensino inovadoras, pois no PIBID se trabalha em equipe e quando se trabalha em equipe pode-se discutir o que fazer e como fazer tendo vista que terão mais idéias para melhorar a sociedade em que vivemos (KRAMER, 2013).

1730

A pibid nos contextos sociais da escola.

O PIBID tem o objetivo de contribuir para o balanceamento entre a prática e a teoria que são importantíssimas para a formação de um bom professor, mas de que vale esse incentivo se os acadêmicos do PIBID não arregaçarem as mangas e irem à luta por um mundo com mais igualdade? Se fosse para fazer assim, não bastariam as aulas de geografia que já são dadas na escola? De nada servira esse projeto se não tivermos coragem de inovar, fazer crítica ao sistema de ensino que até hoje está em vigor. Nosso desafio é preparar aulas com conteúdos polêmicos ou divisórios de opinião para criar no aluno uma visão crítica da sociedade em que vive.

O projeto da CAPES tem potencial para isso, pois diferente dos professores já graduados, os acadêmicos têm tempo para preparar boas aulas e com isso melhorar o ensino e promover o respeito entre as culturas, já que todo indivíduo tem direito de expressar sua crença, sua cultura e não ser discriminado e nem sofrer qualquer tipo de abuso, crítica ou chacota por isso. Essas coisas são direitos básicos do ser humano e nos temos o dever de lutar por elas, pois são os nossos próprios direitos e como professor também tem que abrir os olhos

de nossos estudantes para que estes possam lutar por seus direitos de igualdade e para que seja respeitado como deve e merece.

Desenvolvido:

Este trabalho foi realizado no Colégio Estadual Marins Alves de Camargo – EFMT em Paranavaí-PR, com alunos do nono ano do Ensino Fundamental, numa sala de aulas que atuamos como bolsistas do PIBID.

Para o desenvolvimento das atividades de discussão sobre a temática DIVERSIDADE DE CRENÇAS, RAÇAS E ETNIAS NA ESCOLA utilizamos as seguintes ferramentas metodológicas:

A legislação que aborda o direito de igualdade e o princípio de liberdade;

Trecho de textos literários e jornalísticos que abordam tema sobre relações homo-afetivos, comportamentos diferentes do padrão social convencional, situações conflitantes entre raças diferentes; diferenças entre os cidadãos em geral e conflitos étnicos;

Relato de Experiências: Uma rodada de debates com relatos dos alunos sobre alguma situação que lhes promoveu o constrangimento ou que vivenciou uma situação conflitante;

Questionamentos: Respostas a 5 perguntas formuladas pelo professor orientador, para que grupos de 5 alunos discorressem as respostas mais coerentes;

Exposição das respostas e análises dos resultados.

1731

Conclusão

Após a aplicação dessas práticas pedagógicas que duraram 2 semanas em 4 aulas. Após ler as respostas e analisar os trabalhos dos alunos, foi possível escrever este trabalho e chegar a uma análise discursiva. Nós como cidadãos devemos ter consciência de nossos deveres, e que o nosso direito acaba onde o do outro começa.

Para isso é preciso que tenhamos essa educação de berço, a escola pode sim ajudar, mas é preciso fazer um trabalho em parceria com os pais de nossos alunos para que eles contribuam com nosso trabalho e nossa visão de mundo.

Concluimos que de nada adianta termos um professor esforçado e uma equipe pedagógica que não propicia esta aproximação entre os mestre e pais de alunos. E mesmo que ela propicie esta aproximação e se os pais não aceitarem esse novo contexto de igualdade será muito difícil que consigamos criar no aluno um sentimento de respeito e amor mutuo, pois ele terá duas fontes de informação dizendo coisas contrarias e normalmente os pais são que tem maior domínio sobre a cultura dos filhos.

Precisamos unir professores, pedagogos e pais de alunos, todos voltados para um só objetivo que renovará o ensino da geografia na escola pública e certamente não veremos mais crianças sofrendo bullying por ser diferente dos demais, pois todos entenderão que todos têm nossas particularidades e diferenças e cada um ao seu próprio modo criara um ambiente de aceitação de diferenças.

Referências Bibliográficas:

BRASIL- Ministério da Educação - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília. 2004. Disponível em: <<http://diversidade.mec.gov.br/sdm/arquivos/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 17 de Set. 2014.

KRAMER, V.M. S. Objetivos e justificativas do subprojeto de Geografia. UNESPAR/PARANAVAÍ. **Propostas de trabalho e abordagens metodológicas para a grade curricular acadêmicas de 2014**. Paranavaí. PR 2013

PESSOA, R.B. **Da origem da geografia crítica escolar**. São Paulo, 2009. 01 p.

CAPES, www.capes.com.br:filosoparanavaí.blogspot.com.br. Acessado em 15 de set, 2014.